

A INSCRIÇÃO DO FEMININO NO CORPO TRAVESTI: A TRAJETÓRIA DAS TRANSFORMAÇÕES DA TRAVESTILIDADE DE RENATA

THE REGISTRATION OF THE FEMININE IN THE BODY TRAVESTI: THE TRAJECTORY OF TRANSFORMATIONS OF RENATA TRAVESTILITY

Francisco Elionardo de Melo NASCIMENTO*

RESUMO: Este artigo busca descrever e analisar a trajetória das transformações da travestilidade de Renata contribuindo também para a reflexão sobre violência e exclusão social das travestis. Trata-se da narrativa das transformações corporal de um menino que nos seus primeiros anos de vida passa a inscrever aspectos femininos em seu corpo com o intuito da formação de sua travestilidade. A narrativa foi confeccionada a partir do relato biográfico de Renata e organizada de acordo com a concepção de narrativa biográfica que visa apresentar uma experiência singular/real ancorada em aspectos culturais. As discussões e análises estão pautadas na performatividade de aspectos femininos no corpo e subjetividade da travesti e nas violências sofridas no decorrer das transformações de sua travestilidade.

Palavras-chave: Narrativa biográfica; travestilidade; transformações corporais; violência.

ABSTRACT: This article tries to describe and analyze the trajectory of Renata's transvestite transformations, also contributing to the reflection on violence and social exclusion of transvestites. It is the narrative of the corporal transformations of a boy who in his first years of life begins to inscribe feminine aspects in his body with the intention of forming his transvestility. The narrative was elaborated from the biographical account of Renata and organized according to the biographical narrative conception that aims to present a singular / real experience anchored in cultural aspects. The discussions and analyses are based on the performativity of feminine aspects in the body and subjectivity of the transvestite and the violence suffered in the course of the transformations of her transvestility.

Keywords: Biographical narrative; transvestility; bodily transformations; violence.

Introdução

Este artigo busca descrever e analisar a trajetória das transformações da travestilidade de Renata¹ – uma travesti que conheci no exercício da função de agente penitenciário na Penitenciária Industrial Regional de Sobral (PIRS)², quando ela cumpria pena privativa de liberdade em regime fechado. Trata-se de um relato que compreende a infância e a adolescência de um garoto que nos primeiros anos de vida vai se identificando com aspectos da feminilidade e, por conseguinte, engendrando as transformações³ corporal que definiu sua identidade travesti. Seu relato indica dois

* Doutorando em Sociologia – Doutorando – Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Centro de Estudos Sociais Aplicados – Universidade Estadual do Ceará – UECE, campus Itaperi. Fortaleza, CE – Brasil. E-mail: elionardomelo@gmail.com.

sentidos de análise: as características femininas engendradas em seu corpo e subjetividade a partir da “performatividade de gênero” (BUTLER, 2012) e o contexto de violências/exclusão social sofridas no decorrer da formação da sua travestilidade⁴.

As interlocuções que tive com Renata e seus familiares iniciaram em abril de 2013 na PIRS e se estenderam em sua casa e na casa de sua mãe até junho de 2017. As nossas últimas conversas se deram em sua casa, uma cidadezinha próxima a Sobral⁵, onde segue cumprindo pena em regime aberto por tráfico de drogas. Lá divide o aconchego do seu lar na companhia de Fernando, seu esposo. Algumas das nossas interlocuções foram gravadas com a anuência dos envolvidos.

Do ponto de vista do método, desenvolvi, aqui, uma trajetória inspirada na “narrativa biográfica” (KOFES, 2015). De acordo com Kofes (2015), uma experiência narrada biograficamente permite a retirada da oposição entre indivíduo e sociedade, objetivo e subjetivo. “A expressão da experiência conteria relações, conexões, movimentos da vida, experiência social e reflexão dos próprios sujeitos, conteria a expressão da experiência que não prescinde de sua expressão narrativa” (KOFES, 2015, p. 35). A autora destaca que a estrutura da experiência conectaria a experiência e os sentidos atribuídos e criados pelos sujeitos. É neste sentido, que proponho a descrição e análise da trajetória das transformações da travestilidade de Renata – uma vivência singular ancorada nos aspectos culturais.

Tomo aqui os escritos de Michel Pollak no que diz respeito à discussão do uso da memória individual ou coletiva como fonte de dados para a reconstrução de aspectos identitários de um grupo. Neste caso, o resgate da memória de Renata e de seus familiares a partir dos relatos orais, diz respeito ao período das transformações da travestilidade, ou seja, trata-se do contexto em que se inscreveram os aspectos femininos no corpo e subjetividade da travesti.

Para tanto, duas palestras publicadas, a partir da visita do sociólogo no Brasil em 1987, são aqui utilizadas como suporte para a discussão: “Memória, silêncio e esquecimento” (1989) e “Memória e identidade social” (1992). Para o autor, a memória individual e coletiva apresenta características flutuantes e mutáveis, mas também dispõe de pontos invariantes e imutáveis. Os aspectos invariantes são identificados a partir das repetições, percebidas nas entrevistas longas de história de vida, em que o mesmo fato é revisitado em momentos diversos.

É como se, numa história de vida individual – mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente – houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória

foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos torna-se realidade, passam a fazer parte da própria memória da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala (POLLAK, 1992, p. 201).

No sentido expresso por Pollak, existem, portanto, dois elementos constitutivos da memória – os vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos pelo grupo que a pessoa pertença. “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada” (1992, p. 201). Ou seja, a formulação de um personagem é recriado a partir de elementos histórico, políticos e identitários. “Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido” (POLLAK, 1989, p. 09).

Os lugares fixam as lembranças pessoais e apoiam a reconstrução cronológica da memória. Os acontecimentos, personagens e lugares, podem ser empiricamente fundados em fatos concretos, como também podem se tratar de projeções de outros eventos não vividos pelos interlocutores. O que ocorre neste caso são transferências, projeções (POLLAK, 1992).

A memória como um fenômeno seletivamente construído remete a um verdadeiro trabalho, consciente e inconsciente, de organização social e individual, e que sofre flutuações entre a vida física articulada ao momento que a memória está sendo expressa. Portanto, articular relatos de Renata e seus familiares com a intenção de reconstruir fragmentos da memória a partir de fatos marcantes, do período de reconstrução do seu corpo, é também seguir as articulações teóricas de Pollak (1992, 1989). Principalmente, quando o autor aborda a memória como um fator presente no “sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204).

Transformações da travestilidade

Renata é travesti. Tem 35 anos, cabelos longos e crespos, seios fartos e se autodenomina branca. Com origem nas camadas populares urbanas de Sobral - Ceará, Renata teve sua trajetória de vida marcada pelas transformações da travestilidade e pelo aprisionamento. No período em que se deram nossas últimas interlocuções, ela residia

com seu companheiro no distrito de Mumbaba - Massapê, e se mantinha com um auxílio assistencial. Trata-se de um salário mínimo que recebe mensalmente do Benefício de Prestação Continuada (BPC) por ser HIV positivo e comprovar não ter condições de trabalhar.

Renata é filha adotiva de Dona Sandra e Senhor Antônio. Ela foi adotada pelo casal quando era recém-nascida, no ano de 1983. De acordo com Renata, Sr. Antônio era casado com outra mulher e tinha um afeto com Dona Sandra. Neste período, a concubina trabalhava em uma casa de prostituição na cidade de Sobral.

A minha mãe era mulher da vida quando conheceu meu pai. Mas, meu pai a assumiu e tirou ela do cabaré. Mamãe não podia ter filhos, é estéril, e, por isso, me adotou. A minha mãe biológica me deixou na Santa Casa de Sobral alegando que não tinha condições de me criar porque era usuária de drogas e tinha mais três filhos pra sustentar. Uma enfermeira, vizinha da minha mãe [Dona Sandra] e que trabalhava na Santa Casa de Misericórdia de Sobral, foi que me ofereceu pra minha mãe adotiva.

Dona Sandra descobriu que não podia ter filhos após alguns abortos espontâneos e passou a procurar uma menina para adotar – “Era meu sonho ter uma filha mulher, mas eu peguei duas meninas pra criar e elas morreram. Eu já peguei as duas bem fraquinhas. Foi então que apareceu esse menino macho. Ele também era fraquinho, mas sobreviveu” – disse-me Dona Sandra.

O garoto, quando recém-nascido, era fraquinho, mas com os cuidados de sua mãe começou a se desenvolver forte e saudável. Dona Sandra afirma que o garoto nunca gostou de usar roupas de homem. Ele pegava as roupas e bonecas das primas sem a permissão delas: “Quando eu dava por mim, ele estava vestido com as roupas das primas e brincando com as bonecas. Um dia eu dei uma surra nele boa por causa disso, mas não tinha jeito. Pouco tempo depois ele voltava a vestir as roupas e brincar com as bonecas”.

O relato de Dona Sandra foi confirmado por Renata. Para a travesti, as brincadeiras de boneca e o ato de vestir-se com as roupas das primas foram os primeiros sinais da sua travestilidade. Na medida em que crescia, Renata passou a vestir as roupas de sua mãe e transformar seus *shorts* em saias. Nesse mesmo período, disse que sua mãe não aceitava seu “jeito diferente”, e relata as agressões que sofreu para que deixasse de brincar com bonecas. As agressões se repetiram até que Dona Sandra aceitasse as performatividades de gênero da filha – o “lado mulher” que a travesti reafirma quase como um mantra durante nossas interlocuções.

Dona Sandra aceitou o “lado mulher” da filha quando ela completou cinco anos de idade: “Eu mesma passei a comprar as bonecas para que ela não pegasse mais as bonecas das primas” – disse-me Dona Sandra. Renata relembra que sua mãe fazia suas unhas e a vestia com roupas de menina, mas sempre longe dos olhos do seu pai que repudiava a ideia de “ter um filho viado⁶”. A genitora não escondia o seu sonho de ter uma filha mulher, e satisfazia-se em caracterizar a filha de acordo com sua identidade de gênero.

Aos sete anos de idade, Renata se afirmou enquanto travesti. Somente neste período, a travesti assegura estar realmente ciente que tinha “um lado mulher”. Neste período, o uso cada vez mais constante de roupas e acessórios femininos e a curiosidade de se relacionar sexualmente com homens aparecem em seu discurso como afirmativos a sua travestilidade. A separação dos seus pais também ocorreu no mesmo período.

Com a separação de seus pais, Renata continuou morando na mesma casa com seu pai, já a sua mãe passou a morar em outro bairro da cidade com outro rapaz. A travesti, ainda bem jovem, ficou incumbida das atividades domésticas, enquanto seu pai trabalhava o dia inteiro em sua oficina no centro da cidade. Com o distanciamento da mãe e a ausência do pai, ela já não escondia seu “lado feminino” e passou, na ausência do seu pai, a se caracterizar e se comportar como menina. O “lado mulher” da jovem travesti despertou o desejo sexual do seu vizinho, este com idade aproximada de dezanove anos.

Ainda criança, pequena e magra, Renata não escondia suas intenções com seu vizinho, porém tratou de encenar um jogo erótico orquestrado por palavras e gestos, em um movimento de avanço e recuo, que tinha como objetivo a sua iniciação sexual.

Foi com sete anos que me entreguei pro meu vizinho. Ele ficava no pé do muro me secando com os olhos enquanto eu tomava banho de cuia nua na pia do quintal. Ele se insinuava e mostrava o pau dele para mim. Eu não tinha peito, não tinha nada.

Renata, embebida pela curiosidade e pelo desejo sexual, não escondia sua vontade de ser penetrada por seu vizinho e, mesmo com medo da dor, sentia-se impelida pelo desejo avassalador de ser possuída por “um homem de verdade porque nunca gostei de pixote⁷”. Relata as insinuações recíprocas, entre ela e seu vizinho, como um jogo erótico que deixava nas entrelinhas o devaneio do desejo sexual⁸. A futura travesti tramou a consumação do ato sexual na sua casa, após a saída de seu pai para o trabalho.

Eu morava na Rua das Flores, lá, em Sobral. Esperei meu pai sair para a oficina e chamei o meu vizinho para o quarto de papai. Na primeira vez [em] que fui ficar com ele, ele ficou receoso porque eu era de menor, tinha medo porque era considerado estupro. Eu olhei para ele e disse: ‘Olhe, não tenha medo, pode fazer sexo comigo que eu sou uma mulher por dentro’. Foi então que abriu minhas pernas, já estava deitado em uma cama, tirou a minha roupa e a dele e começou a forçar a entrada do pau dele em mim. Era grande! Ele tentava e não entrava, foi então que ele empurrou e entrou. Doeu muito, mas não sangrou. Ele estava com muito medo porque eu era muito nova. Então ele me usou, usou muito. Fiz amor com ele e pronto. Aí... Depois dele, comecei a ficar com muitos outros homens e até hoje (risos). Eu que pedi pra o meu vizinho me usar. Fiz isso porque eu queria saber se era bom. Depois disso, comecei a me vestir como uma mulher.

Renata afirma que após a relação sexual que teve com seu vizinho, passou a empreender as mudanças em seu corpo e gestuais mais efetivas da travestilidade: “Deixei o cabelo crescer, passei a usar roupas de mulher, maquiagem e, mais tarde, comecei a tomar anticoncepcional”. Quando faz referência a sua primeira relação sexual, a interlocutora relembra de um momento selvagem, doloroso, sem gozo, beijos e/ou outras carícias preliminares à penetração anal. Embora relate fortes dores ocasionadas pela penetração, continuou mantendo, cada vez mais frequentemente, intercuro sexual com outros homens mais velhos que ela.

A narrativa da travesti ao falar da sua primeira relação sexual e de outras posteriores traz outros elementos que vão além da satisfação sexual proporcionada pelo intercuro anal. Destaca que sua feminilidade está relacionada também ao prazer de sentir-se dominada, desejada, passiva e submissa por um “homem de verdade”. As experiências sexuais de Renata aparecem em seu discurso como afirmativas a sua travestilidade, ou seja, dão sentido ao seu “lado mulher” a partir das sensações que ela atribui ao feminino. Não que a primeira relação sexual tenha sido determinante na trajetória das transformações dela enquanto travesti, antes implicou na transgressão da norma heterossexual ou surgiu como encorajamento na continuidade do seu aperfeiçoamento corporal e gestual: o trato com os pelos e cabelos, o uso de vestimentas femininas e a busca por novas relações sexuais como penetrada.

A trajetória de Renata é semelhante a outros inúmeros relatos das travestis que foram interlocutoras nas etnografias de Kulick (2008), Pelúcio (2009) e Benedetti (2005). Nota-se que a transgressão às normas de gênero e de sexualidade condena as travestis a estigmatizações e violências na família, na rua, no bairro, em casa, na escola, na prisão, entre outros múltiplos espaços sociais. Trata-se de sanções em decorrência da violação as normas de gênero e de sexualidade impostas ainda na infância com o intuito

de construir corpos masculinos e femininos em conformidade com a genitália dentro de um sistema binário.

De acordo com Butler (2016), o sexo funciona não apenas como norma, mas é parte das práticas reguladoras dos corpos que produz e governa. Um imperativo de poder que produz diferenciações com o intuito de fazer, demarcar, circular e controlar a partir de reiterações forçadas da norma. Mas, de fato, as reiterações informam que os corpos nunca são totalmente conformados as normas pelas quais sua materialização é imposta. Assim, a lei regulatória pode se voltar contra ela mesma e provocar rearticulações que coloca em prova a força hegemônica do próprio sistema regulatório.

Sara Salih (2013, p. 21), ao interpretar o pensamento de Butler no tocante a performatividade de gênero, disserta que o trabalho da autora defende que as identidades não podem ser consideradas fixas e auto evidentes, mas inseridas em processos pelos quais a identidade é construída no interior da linguagem e do discurso. Butler está menos preocupada com o caráter de formação do sujeito como indivíduo e na experiência individual do que em analisar o processo genealógico pelo qual o indivíduo vem a assumir sua posição como sujeito.

Uma investigação genealógica da constituição do sujeito supõe que sexo e gênero são *efeitos* – e não causas – de instituições, discursos e práticas; em outras palavras, nós, como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero. As análises genealógicas de Butler vão se concentrar no modo como o efeito-sujeito, como ela chama, se dá, e ela sugere, além disso, que há outros modos pelos quais o sujeito poderia se “efetuar”. Se o sujeito não está exatamente “lá” desde o começo (isto é, desde o momento que nasce), mas é *instituído* em contextos específicos e em momentos específicos (de tal modo que o nascimento em si se constitui numa cena de subjetivação), então o sujeito pode ser instituído diferentemente, sob formas que não se limitem a reforçar as estruturas de poder existentes (SALIH, 2013, p. 21-22).

As performatividades de gênero dispostas no discurso de Renata a partir dos atributos considerados por ela como femininos, e materializados em seu corpo, fazem parte de uma teia de discursos subjetivados ao longo de sua formação enquanto sujeito e que são associados a feminilidade das travestis.

Os corpos e subjetividades das travestis são exemplos dessas rearticulações que escapam, excedem ou não podem ser totalmente definidas ou fixadas pela repetição da norma. Ou seja, os corpos e subjetividades das travestis são frutos da reiteração da norma, de tal forma que a performatividade de gênero não pode ser pensada se não a

partir dos regimes sexuais vigentes. Assim, o regime da “heterossexualidade atua para circunscrever e contornar a ‘materialidade’ do sexo e essa ‘materialidade’ é formada e sustentada através de – e como – uma materialização de normas regulatórias que são, em parte, aquela da hegemonia sexual” (BUTLER, 2016, p.170).

A trajetória das transformações da travestilidade de Renata mostra que, desde os primeiros anos de idade, ela passou a expressar suas identificações com os aspectos atribuídos ao feminino a partir das brincadeiras de boneca e caracterizando-se como mulher com o uso de roupas e outros acessórios das primas e da mãe. E, um pouco mais tarde, auxiliada pela mãe, iniciou o trato com os pelos, cabelos, unhas, maquiagem, gestual feminino e por último recorreu ao tratamento hormonal para a aquisição dos seios. É importante destacar que, embora exista uma coerção massiva dos familiares no início das transformações da travestilidade, a mãe aparece no relato de Renata como mais flexível às adequações em torno da construção identitária da travesti. Dona Sandra, ainda nos primeiros anos de idade da filha, passou a caracterizá-la com roupas e acessórios de mulher, não sem, também, satisfazer-se do desejo de ter uma prole menina.

O processo de transformação de menino em travesti foi proposto por Benedetti (1998) em quatro etapas: a primeira diz respeito ao trato com os pelos; a segunda refere-se à produção de seios, quadris e uma silhueta corporal associada à mulher; e a terceira com o domínio de um “código de beleza” relativo ao uso correto e eficiente de roupas, sapatos, penteados, maquiagem, acessórios, etc.; e, por fim, o investimento e treinamento do gestual e comportamento feminino, que compreende desde a forma de andar e a inflexão do olhar até mesmo uma forma de pensar específica.

Para Pelúcio (2005), as travestis empreendem em seus corpos processos de transformações que tem começo, mas não fim. Para ela, o início do processo da travestilidade dar-se quando ainda se é “gayzinho”, ou seja, a orientação sexual homossexual já foi assumida para os familiares e para a sociedade. As transformações que seguem o assumir-se homossexual caracterizam-se como as mudanças corporais mais expressivas para engendrar no corpo ainda masculino as formas e contornos femininos, a contar com as roupas, adereços e gestual feminino fora do âmbito familiar. Os processos da inscrição de aspectos femininos nos corpos travestis podem mudar conforme as subjetividades e contextos dos quais elas estão inseridas.

O empreendimento das primeiras relações sexuais, entre a infância e a adolescência, aparece no relato de Renata como encorajador das intervenções corporais mais efetivas que, já nos primeiros anos de idade, são expressas nas brincadeiras de

boneca e se caracterizando com roupas, entre outros acessórios das primas e da mãe⁹. Não se trata, aqui, da primeira relação sexual como foi apontada por Kulick (2008), como um marco para o início das transformações da travestilidade, mas sim como primeiro passo para a transgressão da norma heterossexual.

Violência e exclusão social

As transformações da travestilidade de Renata provocou em seu pai um intenso desgosto. “Ele não aceitava ter um filho viado” e, por isso, passou a intervir em sua conduta com o uso de violências no intuito de transformar a jovem travesti em “cabra homem”.

Eu era o viadinho da rua. As pessoas faziam chacotas todas as vezes que eu colocava o pé fora de casa. Na escola era do mesmo jeito. Meu pai começou a se sentir mal, até que morreu de tanto desgosto. Ele criou um filho pra trabalhar com ele, mas nunca imaginou que eu teria outro sexo. Meu pai sofreu muito por isso. Aos dez anos já me vestia direto como mulher. Meu pai brigava comigo porque ele queria que eu fosse cabra homem, e eu dizia: pai não tem como eu ser homem, eu tenho destino de mulher. Meu pai brigava comigo, me batia, me levava pra oficina pra me ensinar fazer ferro e eu não conseguia. Eu sabia que meu destino não era esse... Era outro...

Embora o pai de Renata intervisse na conduta dela a fim de transformá-la em “cabra homem” – disciplinando-a ao trabalho braçal e impedindo o uso de roupas e acessórios femininos – as repetidas intervenções de seu pai não tiveram sucesso. O sofrimento de Renata em não poder expressar os aspectos performatizados em seu corpo e, também a angústia de seu pai em não conseguir satisfazer-se do “corpo educado” (LOURO, 2016) de seu filho como homem e heterossexual, provocou o distanciamento entre Renata e seu pai.

Renata acredita que o agravamento da diabetes em seu pai foi causado pelo “desgosto de ter criado um filho ‘viado’”. O quadro clínico avançado da doença levou o pai de Renata a óbito e provocou nela intenso sentimento de culpa.

Eu não aceitava a forma que meu pai queria que eu fosse, e por isso eu saía e passava de três a quatro dias sem voltar em casa e tinha relações com vários homens. Quando eu tinha 14 anos meu pai faleceu por conta da diabete. Cheguei e vi ele morto na cama. Foi muito sofrimento [neste momento as lágrimas jorram pelos olhos de Renata]. Eu acho que ele morreu de desgosto porque ele não queria que eu fosse assim. Eu já estava como uma menina: vestia *short* curto,

blusinha bem apertadinha e curtinha, só não tinha cabelo longo. Era enroladinho.

Renata remete a morte de seu pai ao desgosto de ter criado uma filha travesti. Suas lembranças reiteram o sentimento de culpa por não ter sido o filho “cabra homem” que seu pai tanto sonhava. Para ela, a vergonha de seu pai diante de colegas, parentes e amigos por ter criado uma filha travesti fez com que a doença se agravasse.

Após a morte de seu pai, Renata foi morar com sua mãe e seu padrasto. Poucos meses depois, o padrasto da jovem travesti passou a assediá-la: “Ele passava a mão nas minhas pernas, tentava me agarrar e eu batia nele. Eu não aceitava que ele abusasse de mim na casa da minha mãe”. Inconformada com a situação, Renata fugiu da casa de sua mãe e passou alguns dias vagando sem rumo nas ruas de Sobral. Encontrou com uma travesti experiente, dona de um “cabaré”, que acolheu Renata em seu estabelecimento e empreendeu no corpo da jovem travesti as mudanças necessárias ao mercado da prostituição¹⁰. Como primeiro passo iniciou a ingestão dos hormônios.

Renata tinha 14 anos de idade. Ela afirma que iniciou com os comprimidos, mas os efeitos não apareceram de imediato: “Eu queria ganhar corpo logo, então fui à farmácia e o farmacêutico disse que o melhor para mim era a injeção”. A travesti passou a tomar duas injeções de Perlutan – anticoncepcional com alta dose de hormônios femininos e baixo valor de mercado – a cada 15 dias, foi o suficiente para iniciar o crescimento das glândulas dos seios em pouco mais de um mês. Ao relatar os efeitos dos hormônios em seu corpo, Renata fez questão de mostrar seus seios para que eu me certificasse da eficácia do uso das substâncias.

Para Benedetti (1998, p. 10-11), boa parte das travestis inicia a ingestão ou aplicação de pesadas doses de medicamentos que contenham progesterona e estrogênio normalmente muito jovens (por volta dos 14 ou 15 anos). Estas substâncias começam a agir sobre o organismo, desenvolvendo os seios, arredondando os quadris e os membros inferiores e superiores, afinando a cintura (e a voz, segundo algumas) e diminuindo a produção de pelos, especialmente os da barba, do peito e das pernas. Os hormônios femininos funcionam como barreira aos hormônios masculinos produzidos pelo organismo.

A última etapa das transformações corporais de Renata foi à aquisição dos seios a partir do uso dos hormônios femininos. Com seios, cabelos compridos e usando roupas, acessórios e gestuais femininos, a travesti afirmou ser “cobiçada” pelos homens no espaço da prostituição, o que fazia dela uma “mulher de verdade”.

Lá no cabaré tinha mulheres e travestis, mas os homens procuravam mais as travestis. Eu era bonita, nova e os homens me queriam a todo custo. A cafetina ganhava muito dinheiro comigo lá, mas a polícia passou a fazer as batidas lá porque eu era menor de idade. Quando a polícia chegava a dona do cabaré me escondia no terreno baldio que tinha nos fundos, as vezes eu ficava escondida nas tubulações do esgoto até a saída dos policiais. Mas, os policiais já sabiam que eu me prostituía lá, e foi então que a cafetina passou a me agenciar em outras cidades: Canindé, Crateús e Fortaleza. Em Fortaleza eu me prostituía na rua, mas o juizado de menor me descobriu por causa de uma briga, me prenderam e entraram em contato com minha mãe.

Renata passou a ser explorada pela cafetina no “cabaré” e nas outras cidades mencionadas pela travesti. Na prostituição ela teve seu primeiro contato com as drogas, passou por uma casa de internação para adolescentes infratores e retornou para Sobral. Aos 18 anos montou sua própria casa de prostituição na cidade de Massapê e passou, também, a vender drogas. Foi presa por tráfico de drogas, ainda aos 18 anos de idade, e passou 15 anos de sua vida marcados por entradas e saídas na prisão. Lá contraiu HIV e desenvolveu AIDS, além de vivenciar outros inúmeros episódios violentos. Agora, a travesti está cumprindo pena privativa de liberdade em regime aberto e vivendo em um pequeno vilarejo com Fernando, seu companheiro, em um relacionamento que já passa de dois anos.

As travestis constroem seus corpos e suas subjetividades a partir de “marcas performáticas” (PELÚCIO, 2009) que transitam entre o masculino e o feminino. A transgressão nos modos de se vestir, de se comportar e de manter relações heterossexuais, monogâmicas e higiênicas definidos para homens e mulheres, imputa a elas as ridicularizações e violências nos espaços públicos e/ou privados em decorrência do borramento das fronteiras do dispositivo da heterossexualidade normativa e compulsória (RUBIN, 1993). Renata, mesmo com as represálias de sua mãe, de seu pai, vizinhos e colegas da escola, continuou engendrando em seu corpo as mudanças comportamentais e físicas da travestilidade. De fato, as transformações corporais aparecem nos relatos das travestis como afirmativas da formação de suas identidades travestis, que ao longo de suas vidas redefinem suas interações com o mundo e consigo mesmas a partir da construção e reconstrução de seus corpos. “Só a partir dessa concepção de identidade é possível pensar-se que os grupos possam se aproximar ou se distanciar daquilo que são, ainda que esse deslocamento seja percebido como um processo histórico, conjuntural” (MARQUES, 2011, p. 202).

Benedetti (1998, 2005) afirma que as travestis, ao remodelarem as linhas retas dos seus corpos em formas curvas e sinuosas de um corpo de mulher, também

desenvolveram um sistema complexo de interação social que é expresso na gesticulação,

andar e empostar a voz até mesmo técnicas para a produção de características e formas associadas ao corpo feminino, como os quadris mais largos, os seios desenvolvidos, as maçãs do rosto mais salientes, o olhar mais lânguido, os cabelos longos, etc.” (BENEDETTI, 1998, p. 02).

Neste sentido, criam também código cultural próprio, com formas elaboradas de representações e símbolos associados ao masculino e ao feminino, particularmente no que diz respeito aos gestos, ao corpo, às vestimentas e a utilização de vocabulário derivado do ioruba-nagô (PELÚCIO, 2009).

Para Peres (2011), é nítida a percepção do grau elevado de alegria, realização e prazer das travestis ao remodelarem seus corpos e se aproximarem da idealização do feminino, de expressar a feminilidade e de ser desejada por homens, mulheres e outras travestis. Por outro lado, o início das transformações esbarra no desrespeito e na discriminação, “impedindo às mesmas o direito fundamental à singularidade, ou seja, impedem a essas pessoas o direito de ser e de viver” (2011, p. 97).

As travestis enfrentam dificuldades de aceitação na família, escola e outros espaços sociais a partir do início das transformações corporais e comportamentais mais efetivas. Essas dificuldades, no caso de Renata, são atravessadas pela intersecção de marcadores sociais de diferenciações (PISCITELLI, 2008) de gênero, sexualidade e origem social e estão diretamente concatenadas com a falta de perspectiva educacional, de trabalho formal, situação de pobreza e com a prostituição como fonte emergencial de subsistência e de novas experiências relacionadas ao gênero e sexualidade (CARVALHO, 2011).

Embora permaneçam sob o mesmo teto dos seus familiares, as travestis, cada vez mais empreendendo em seus corpos signos atribuídos por elas ao feminino, enfrentam situações de violência em função de sua sexualidade e gênero. Quando expulsas de casa ou seguindo por livre iniciativa, elas se deparam com a tarefa de aperfeiçoar seus corpos em função das performatividades de gênero a que elas têm acesso com fins ao mercado sexual. Renata, por exemplo, sofreu múltiplas violências de seu pai para se tonar “cabra homem”, mas mesmo com a repressão dele a travesti não deixou de expressar o seu “lado mulher” e de dar prosseguimento as transformações em seu corpo, comportamento e aos envoltivos sexuais e afetivos com homens. A travesti teve sua vida atravessada por experiências na prostituição após ser acolhida por

uma cafetina em seu estabelecimento, quando vagava sem rumo nas ruas de Sobral. Lá, iniciou a aquisição de um conjunto de tecnologias corporais no intuito de adequar seu corpo ao trabalho no “cabaré”.

De acordo com Kulick (2008), as violências direcionadas as travestis são intensificadas com o início da transformação dos seus corpos, ou seja, quando passam a “ingerir grandes quantidades de hormônios femininos e a usar roupas e acessórios de mulher permanentemente” (p. 65). Os hormônios são utilizados com frequência pelas travestis, seja por via oral, seja injetável. Para o autor, algumas travestis costumam tomar injeções diárias de hormônios ou até cinco comprimidos por dia. Elas estimam os hormônios porque são de baixo custo, são fáceis de obter e seus efeitos são rapidamente perceptíveis.

Renata, ao iniciar o uso dos hormônios para a aquisição dos seios, preferiu os hormônios injetáveis aos comprimidos. Segundo ela, os efeitos dos hormônios em seu corpo surgiram, logo, após um mês de iniciar o uso. A travesti estima que o uso dos hormônios, além de modelar os contornos do seu corpo, afina a pele e dá a ela um aspecto mais feminino. Somente a partir do uso das substâncias, da aquisição do corpo e gestual feminino, a interlocutora afirmou que passou a ser disputada pelos clientes na casa de prostituição. Explorada pela cafetina, Renata passou a se prostituir em várias cidades cearenses. Passou a usar maconha e *crack* e se envolveu com o mercado de drogas ilícitas. Acusada por tráfico de drogas, foi presa e segue cumprindo sua pena em regime aberto.

Considerações Finais

A narrativa das transformações da travestilidade de Renata nos permite perceber como uma experiência narrada a partir de fragmentos da memória, dela e de seus familiares, nos possibilita compreender os movimentos da vida da personagem e as suas próprias reflexões sobre o contexto que se passa a sua experiência. A conexão entre o relato da experiência de Renata e a sua reflexão possibilita uma análise de como os sentidos das transformações corporal e subjetiva são criados por ela e passam a fazer sentido na sua trajetória social enquanto travesti.

Resgatar uma narrativa a partir da memória nos permite, ainda, entender algumas situações que são compartilhadas pelo grupo de pertencimento. Quando se trata das mudanças corporais das travestis, essas situações podem ser recriadas pelas personagens a partir de elementos políticos, históricos e identitários, organizados na

memória e que mantém interação constante entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido (POLLAK, 1989, p. 09). O trabalho de reconstrução da memória tem como ponto de apoio as lembranças de eventos vividos que são apoiados nos lugares, ou seja, os lugares fixam as lembranças pessoais e sustentam a reconstrução cronológica da memória. Quando Renata e seus familiares nos contam a narrativa do processo das transformações da travestilidade, se remetem a eventos que foram marcantes e que ficaram fixados a partir da importância que eles têm na narrativa biográfica.

Renata relembra as brincadeiras de bonecas e o uso das vestimentas das primas e da mãe como os primeiros sinais da sua identificação com o feminino. Estes primeiros sinais, de acordo com ela, passaram a dar sentido ao seu “lado mulher” e foram precursores das mudanças corporais e subjetivas mais efetivas que se deram no processo de transformação da sua travestilidade. O uso permanente das vestimentas e adereços femininos, o remodelamento dos contornos corporais e aquisição dos seios pelo uso dos hormônios destacam-se como as mudanças corporais mais efetivas desse processo.

Essas intervenções corporais foram intensificadas após a sua primeira relação sexual como penetrada. O momento do intercuro anal, embora seja narrado pela travesti como um momento doloroso, sem gozo e carícias preliminares, é ressignificado por ela em função das sensações atribuídas por ela ao feminino. As experiências sexuais de Renata aparecem em seu discurso como afirmativas a sua travestilidade, ou seja, dão sentido ao seu “lado mulher”.

O acionamento de diversas tecnologias de gênero, tendo como marco temporal a iniciação sexual, possibilitou as transformações mais evidentes no corpo de Renata. Os atributos femininos performatizados no corpo da travesti são evidenciados a partir do uso das roupas, objetos e outros adereços femininos, do trato com os cabelos, pelos e unhas, com o uso dos hormônios e a aquisição dos seios e contornos atribuídos ao corpo feminino. As transformações corporais foram seguidas das mudanças comportamentais e gestuais que passaram a compor o “lado mulher” de Renata.

Todo o processo da travestilidade de Renata foi atravessado por violências e violações que iniciaram com seus familiares e se estenderam pelas ruas, na escola e em outros espaços sociais. As intervenções de seus pais com a finalidade de impedir as transformações corporais da travesti são apresentadas no relato a partir dos inúmeros episódios de violências que tinha a finalidade de transformar a travesti em “cabra homem”. Trata-se de sanções em decorrência da violação as normas de gênero e de sexualidade impostas ainda na infância com o intuito de construir corpos masculinos e femininos em conformidade com a genitália dentro de um sistema binário. Ao

remodelar seu corpo e sua subjetividade com aspectos atribuídos ao feminino, mesmo mantendo o órgão genital masculino, a travesti embaralha ordem moral que define o “normal” a partir correspondência entre sexo, gênero, práticas e desejo.

Assim, a narrativa das transformações da travestilidade de Renata, nos permite pensar as performatividades de gênero dispostas em seu discurso a partir dos atributos considerados por ela como femininos materializados em seu corpo, e que fazem parte de uma teia de discursos subjetivados ao longo de sua formação enquanto sujeito e que são associados a feminilidade das travestis.

Referências

BENEDETTI, Marcos Renato. *Hormonizada! Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis de Porto Alegre*. Trabalho apresentado no XXII **Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu - MG, 1998. Disponível em: <<http://www.clacso.edu.ar/~libros/anpocs/renato.rtf>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

_____. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar, 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. *Corpos que pesam*. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 151-172.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **Que mulher é essa?**: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. 2011. 147f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2011.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

KOFES, Suely. *Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser?* In: Kofes, S.; MANICA, D. (orgs). **Vidas & grafias**: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. 1ª ed., Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015, p. 20-39.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

PELÚCIO, Larissa. “Toda quebrada na plástica” – Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **Revista Campos**, n. 6, p. 97-112, 2005.

_____. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

MARQUES, Roberto. Homoerotismo no Cariri cearense: inscrições de um objeto em suas relações com o silêncio. **Métis: história & cultura**, v.10, n.20, jul./dez., p. 198-217, 2011.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez., p. 263-274, 2008.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a Economia Política do sexo. Tradução: SOS Corpo, 1993. (Tradução do original: RUBIN, Gayle. **The traffic in women**: notes on the 'political economy' of sex. In: REITER R. (Ed.). *Toward an Anthropology of women*. New York: Monthly Review Press, 1975).

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Quer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SILVA, Hélio. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **Voo da beleza: travestilidade e devir minoritário**. 2005. 308 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, Ceará, 2005.

¹ Neste artigo, utilizo nomes fictícios com a finalidade de preservar as identidades dos interlocutores e das interlocutoras. Parte da argumentação deste artigo foi desenvolvida a partir da minha pesquisa de dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS-UECE), sob a orientação do prof. Dr. Roberto Marques e que tem o título: “Travestilidades aprisionadas: narrativas de experiências de travestis em cumprimento de pena privativa de liberdade no Ceará”. A pesquisa contou com financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Uma versão preliminar deste texto foi apresentada, em forma de resumo expandido, no Seminário Internacional Gênero, Cultura e Mudança – Curta o Gênero 2017.

² A PIRS é uma penitenciária masculina para presos em cumprimento de pena em regime fechado localizada em Sobral-Ceará.

³ Uso o termo “transformação”, aqui, com o mesmo significado que lhe atribuiu Pelúcio (2005a, p. 225, grifos meu entre colchetes) para demarcar o “processo de feminilização [dos meninos em travestis] que se inicia com a extração dos pelos da barba, pernas e braços, afina as sobrancelhas, deixa o cabelo crescer e passa a usar maquiagem, [fazer uso de hormônios] e roupas consideradas femininas nas atividades fora do mundo da casa”.

⁴ O termo “travestilidade” foi proposto por Pelúcio (2009) com a finalidade de caracterizar a multiplicidade das vivências implicadas na construção, desconstrução e reconstrução do corpo travesti. As etnografias de Hélio Silva (2007), Marcos Benedetti (2005), Don Kulick (2008), Alexandre Vale (2005) e Larissa Pelúcio (2009) abordam a construção e reconstrução dos corpos das travestis nos espaços de prostituição.

⁵ Meus últimos encontros com Renata se deram em sua residência localizada na cidade de Massapê que fica a aproximadamente 19 quilômetros de Sobral. Lá, conversamos, nos emocionamos e desfrutamos de cafés frescos, oferecido pela anfitriã.

⁶ Os dicionários de português grafam veado, mas, em sotaque cearense utiliza-se o “i”, de viado. Ou seja, refere-se a alguém que desenvolve relações sexuais e afetivas com pessoas do mesmo sexo.

⁷ Adolescente bem jovem.

⁸ Para uma leitura relacionada à primeira relação sexual de travestis ainda crianças com homens adultos, ver Kulick (2008).

⁹ No Presídio Irmã Imelda Lima Pontes conheci Núbia, um “entendido” que iniciou o processo da travestilidade no auge dos seus 65 anos de idade. Isso mostra que as transformações corporais das travestis não ocorrem necessariamente entre a infância e a adolescência como descreveram Benedetti (2005) e Kulick (2008).

¹⁰ A respeito dos requisitos necessários a uma travesti que se prostitui, ver Pelúcio (2005).